

ENSINO

MAGAZINE JOVEM

12 ANOS

SUPLEMENTO DO
ENSINO MAGAZINE
FEVEREIRO 2010

DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA



Criat
e Inc
An

A cara do ROCK IN RIO

DESIGN GRÁFICO: RUI SALGUEIRO Fotos: Rock in Rio/Direitos Reservados

JRANÇA SOS
**SINAIS
MAIS**
Álbum
de estreia

INSTITUTO DA SEGURANÇA SOCIAL, L.P.
**Como
treinares
o teu
dragão 3D**

**Companhia
Portuguesa
de Bailado
Contemporâneo**

**TOM TOM
com a voz
de Homer
Simpson**

**FINAL
FANTASY
XIII**



ROBERTA MEDINA, EMPRESÁRIA

A CARA DO «ROCK IN RIO»

EM MAIO E JUNHO O «ROCK IN RIO» ESTÁ DE VOLTA A LISBOA E A MADRID. O ROSTO DO FESTIVAL MUSICAL DO ANO É ROBERTA MEDINA, VICE-PRESIDENTE EXECUTIVA, QUE EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO «ENSINO JOVEM» REVELA COMO SE ORGANIZA UM EVENTO DESTA NATUREZA E OS CAPRICHOS DAS «ESTRELAS» NOS BASTIDORES DO PARQUE DA BELA VISTA. ROBERTA CONTA AINDA A SUA EXPERIÊNCIA COMO JÚRI NO POPULAR PROGRAMA DA SIC, «ÍDOLOS».



ENTREVISTA
ENSINO MAGAZINE

Como é que se organiza um festival desta dimensão?

As etapas são várias e complexas, mas, essencialmente, são precisas «muito boas cabeças». Antes de mais estabelecer os contactos com os órgãos públicos locais, para afinar questões ao nível da segurança, limpeza, etc. Depois angariar patrocinadores é fundamental, já que cerca de 50 por cento do custo do evento é viabilizado através da vertente comercial. Também neste domínio, os media partners são fundamentais para comunicar a mensagem com a força desejada, bem como uma assessoria de imprensa que interaja com os mercados locais, seja em Portugal ou em Espanha. Numa etapa posterior, a equipa de produção avalia no terreno as necessidades físicas dos locais dos espectáculos, no caso de Lisboa, o Parque da Bela Vista, visando desenhar projectos, como o layout do palco, das tendas e das múltiplas actividades associadas. No

fundo o que pretendemos nesta fase do «Rock in Rio» é contar a história de 25 anos de um evento, cumpridos em Janeiro passado, de forma a cimentar a credibilidade já conquistada da marca.

O «Rock in Rio» é uma marca consolidada?

Sem dúvida. O eco que esta iniciativa tem tido na sociedade é disso prova. A primeira edição era uma aposta completamente nova, a edição seguinte foi mais equilibrada e, finalmente, a terceira foi a mais conseguida. Nesta quarta edição esperamos manter ou superar as 350 mil pessoas acumuladas nos 5 dias do último festival. É preciso salientar que o recinto não suporta, por razões de segurança, mais de 90 mil pessoas.

Pode revelar-nos os passos das negociações para trazer os artistas até ao festival?

O processo inicia-se aproximadamente 10 meses antes do espectáculo, sondando-se o mercado dos agentes, procurando saber junto das rádios o que está a to-

car de forma mais insistente e auscultando o público para saber quem gostariam de ver no festival.

As negociações são normalmente longas e difíceis?

São insuportáveis. O mercado da música está cada vez mais dependente dos concertos devido à proliferação dos downloads ilegais e da pirataria. A disputa entre festivais de verão é enorme e o leilão entre as várias cidades que querem contratar a mesma banda é frenético.

Qual é o cantor que lhe falta trazer ao Parque da Bela Vista?

Em termos pessoais senti-me muito feliz por ter trazido a Shakira e o Bon Jovi. No futuro, adoraria ter cá o Robbie Williams, mas infelizmente neste momento ele não está em «tournée».

Quais os caprichos mais extravagantes das estrelas que trouxe até nós?

Por exemplo, o Paul McCartney, por ser vegetariano, não queria carne em toda a «cidade do rock», os Red Hot Chili Papers pediram uma cozinha só para eles e houve até um caso engraçado de alguém que pediu...chicletes. Mas agora essas histórias já não são tão exóticas porque o festival cumpriu 25 anos e a globalização possibilitou a circulação de produtos a nível mundial. Imaginou o que era um cantor exigir em 1985, quando o Brasil estava fechado à importação, uma água Evian? Era para cair o mundo...Na altura as exigências dos músicos eram todas exdrúxulas. Hoje já se parecem quase ridículas. Por exemplo, na actualidade pedir comida japonesa é um capricho perfeitamente banal.

Na edição de 2008 aconteceu o incidente com Amy Winehouse. A performance da britânica, que todos falaram por motivos extramusicais, foi má para a imagem dela ou para o festival?

Curiosamente esse foi o momento de maior audiência televisiva musical do ano. Do ponto de vista ético foi caótico. Não fiquei feliz por jovens e famílias inteiras terem presenciado aquilo, mas o «Rock in Rio» não tem responsabilidade alguma no desempenho da cantora. Lamento verdadeiramente o que aconteceu até porque acho que os artistas devem ser exemplo para todos, e a música e o entretenimento podem e devem ser veículo de comunicação para promover causas e a formação humana.

Que surpresas promete para a edição 2010 do «Rock in Rio» em Lisboa?

Ainda é cedo, até porque os bilhetes ainda não estão à venda, mas a estratégia é a de sempre: revelar gradualmente os nomes à medida que os contratos são autorizados, para aumentar a expectativa. Para já confirmados

em Lisboa temos a Ana Montana, Shakira, Miley Cyrus e os Muse.

E em Espanha?

Em Madrid, o festival é um pouco mais tarde, mas para já temos como grandes nomes o Bon Jovi e a Shakira. Os outros anunciaremos brevemente.

O «Rock in Rio» está em fase de expansão para outros países. Quais são os objectivos?

Estamos a desenvolver uma estratégia de internacionalização. Estar noutras cidades faz parte do percurso de evolução da marca. As oportunidades surgem e temos procurado não desaproveitar. A decisão de realizar uma edição do «Rock in Rio» na Polónia está para muito breve. Da mesma forma que está em cima da mesa um regresso ao Rio de Janeiro, eventualmente para 2011 ou 2012.

O lema principal do «Rock in Rio» é «Por um mundo melhor». Num Globo turbulento e agitado, o festival consegue ser, por uns dias, um pequeno oásis?

O «Rock in Rio» não é um oásis, mas é extremamente importante para as cidades e para os países terem coisas felizes acontecendo. Independentemente do lema, «Por um mundo melhor», o evento é um veículo de comunicação e entretenimento por excelência e tem um papel na vertente social. Nos tempos que correm, em que a vida é dura, é fundamental agregar sob esta temática solidária a música, o glamour e o entretenimento. É uma forma leve de promover outras causas, até porque é sabido que o ser humano prefere ignorar o que é ruim. Fiquei extremamente sensibilizada com a parceria que fizemos com a ACAPO, de forma a dar voz à causa e às dificuldades dos invisíveis. Esta é a função «Rock in Rio». São as acções práticas que credibilizam o nosso discurso.

É possível conciliar, sem margem de conflito, a vertente capitalista e a solidária?

O «Rock in Rio» é uma marca assumidamente com objectivos comerciais, mas com consciência social. Este ano criámos um prémio denominado «Atitude Sustentável», com o intuito de distinguir pessoas e organizações no seu empenho pela melhoria da qualidade de vida da comunidade, assente em três pilares, o económico, o social e o ambiental. A mensagem que queremos passar para o mercado é a seguinte: quem olhar do exterior e achar que estamos a ganhar mais dinheiro, óptimo, copie! Queremos provar que uma marca se valoriza e pode vender mais se apoiar causas sociais. Relembro que em 2008 o mote foi as alterações climáticas, em 2010 será a sustentabilidade que é muito mais do que o mero acto de plantar uma árvore. É preciso consciencializar a comunidade que nos nossos actos diários podemos contribuir com acções con-

cretas para um mundo melhor.

Pensa que o festival pode fazer mais para a sensibilização das populações do que várias cimeiras ambientais, como a recente em Copenhaga?

Os governos e a indústria têm feito alguma coisa. O pior é que o cidadão comum não quer falar disso. A sociedade tem que se mexer. Essa conversa de empurrar tudo para os políticos é uma loucura. Eu acredito firmemente na conjugação entre o privado e público.

Vive em Portugal desde 2003, tem dupla nacionalidade, o seu avô é do Porto. Disse que «a educação não me permite deprimir». Como convive com o estado ciclótico português, a completa antítese da forma de estar dos brasileiros?

Os portugueses gostam imenso dos brasileiros em termos sociais, na alegria de viver, no modo de falar, etc. Eu compreendi que estava «frita» se tentasse respeitar o «senhor doutor», o «senhor arquitecto», o «senhor engenheiro». Eu trocava tudo. Enveredei por uma lógica descontraída e sem cerimónia que acabou por encaixar na imagem leve que os portugueses têm dos brasileiros. Procuo diariamente emprestar o meu optimismo. É o que tento fazer.

O que é que falta a Portugal?

Penso que falta trabalhar bem o turismo e dar-lhe mais agressividade. Está muito agarrado às imagens e às referências do antigo. Não há dúvida que a história é um grande património, mas é preciso romper com a exclusividade desse Portugal, promovendo o lado mais moderno que desponha. Por exemplo, Lisboa ficaria a ganhar com a institucionalização de um calendário de eventos anuais. Todos os meses haveria um acontecimento grande que criaria habitação no fluxo turístico. Os turistas vêm garantidamente no verão porque sabem que há sol e praia. O que eu aconselho é que se crie uma «praia» por mês e não se espere que os termómetros subam. Os portugueses têm de deixar de se considerarem os coitadinhos...Para ser diferente, basta a gente mudar, cara!

Esteve há dias num almoço com mulheres promovido pelo Primeiro-Ministro na residência oficial, em São Bento. Qual o significado do convite?

Fiquei extremamente honrada pelo convite de integrar um selecto grupo de mulheres consideradas referências nas suas áreas. Alias, fui sempre muito bem recebida desde o primeiro dia em que cá cheguei. Nunca me senti estrangeira em Portugal.

Como está a lidar com a projecção mediática do programa «Ídolos» desde que assumiu a condição de jurada?

A exposição pública não era nada

que eu desejasse. Bem pelo contrário. Sou pouco dada a eventos sociais. A menos que seja por um forte motivo profissional, dificilmente me vêm em festas. Muitas pessoas continuam a achar que eu moro no Brasil, quando na verdade estou aqui desde 2003. Quanto aos «Ídolos» apareci em autêntico contraponto com os meus colegas do júri, com uma imagem mais carinhosa, o que faz com que as pessoas quando se dirigem a mim seja para elogiar. Não tenho motivo de reclamação.

Tal como o «Rock in Rio», os «Ídolos» são um espectáculo repleto de emoções e que mexe com os sentimentos de pessoas, algumas delas muito jovens. Como se sente quando tem de criticar?

É muito constrangedor afirmar na cara de um jovem, que acha que tem talento para cantar, precisamente o contrário. Mas também existem situações desagradáveis e mal-entendidos. Acho que o nosso júri é pianinho, comparado

com o Simon Cowell na versão inglesa do programa. Como se sabe este é um programa globalizado, pois existe o «American Idol», nos EUA e o «Britain's Got a Talent», na Inglaterra. Todos os participantes da edição portuguesa conhecem estes modelos, por isso, quando concorrem sabem perfeitamente ao que vão.

O «Rock in Rio» e os «Ídolos» têm ambos por mote um sonho. Aos 31 anos, é uma sonhadora ou tem os pés assentes na terra?

Na parte de execução e produção de espectáculos temos de ser muito pragmáticos. Mas eu não perdi o meu lado de sonhadora, acredito num mundo melhor, acredito no Pai Natal, só no coelhinho da Páscoa é que não. Irrita-me ouvir um pai dizer para uma criança que o Pai Natal não existe...Os sonhos e as fantasias são fundamentais. ☺

Texto: Nuno Dias da Silva

Fotos: Rock in Rio/Direitos Reservados



SINAL MAIS

AS RÁDIOS E A FICÇÃO NACIONAL APOSTARAM FORTE NOS TEMAS DO ÁLBUM DE ESTREIA. MIGUEL OLIVEIRA, A VOZ DOS SINAL, FALA DO PRIMEIRO TRABALHO HOMÓNIMO, DAS INFLUÊNCIAS MUSICAIS, DA RECEPTIVIDADE DO PÚBLICO NOS CONCERTOS, E DA VONTADE DE TRABALHAR CADA VEZ MAIS NA MÚSICA. A MÚSICA É A LUZ QUE OS ORIENTA, E É ATRÁS DESSA LUZ QUE A BANDA DO NORTE QUER CONQUISTAR O PAÍS.



ENTREVISTA
ENSINO MAGAZINE

Que tipo de mensagens é que gostam de passar nas vossas músicas?

Nós tentamos passar uma mensagem positiva da vida, energética. Para que as pessoas vivam a vida, a apreciar cada momento com paixão e a pensar que cada acordar é uma dádiva. Temos de aproveitar bem e não nos podemos queixar tanto, como é típico do português, «queixar em vez de fazer». Mais vale fazer, deixar as coisas tristes, concentrarmo-nos nas coisas positivas, pois esse é o caminho, e essa é a melhor maneira de viver. É também uma lição para nós. Na escrita vamos-nos refugiar e buscar o ensinamento para viver. A música é isso, uma linguagem universal que nos ajuda, que nos orienta, e daí também o nosso nome, Sinal. Porque a música é a luz, é o sinal que orienta o nosso caminho. Seguimos a luz dos Sinal para orientarmos as nossas vidas e fazermos com que este projecto cresça cada vez mais.

De uma forma simples como é que definem o vosso som?

É um pop-rock ligeiro, que tentamos seja bastante audível, chegue a todas as idades e abranja vários gostos musicais. Nós, os quatro, já vínhamos de vários projectos, tínhamos um passado na música,

cada um no seu estilo, jazz, pop, - da minha parte era mais o pop-rock. A fusão desses estilos e gostos musicais também faz com que a música tenha outro sabor, vão-se buscar sonoridades diferentes de outros estilos musicais, o que enriquece cada tema.

O álbum de estreia já tem alguns meses de edição, desde essa altura tem recebido bons sinais do público?

Sim, felizmente temos tido críticas muito positivas, e nota-se que nos espectáculos as pessoas cantam os temas. Claro que termos quatro músicas em telenovelas da ficção nacional é um privilégio muito grande. As pessoas vão ouvindo os temas no seu dia-a-dia, na televisão, sempre que chegam a casa, e acabam por saber os temas de cor. Depois o grande apoio que temos tido das rádios locais, mesmo antes da televisão, tem sido fantástico. O tema E se Amanhã... já tinha sido enviado, mesmo antes de termos editora, para a mailing list de várias rádios do país, que nos começaram a passar, e que nos iam motivando a dizer que gostavam do nosso som, que é um som diferente, e que a música pop-rock portuguesa estava a precisar. Claro que isso nos deu mais alento para continuar. O papel das rádios locais tem sido fantástico desde o início. Têm feito uma extraordinária divulgação dos nossos temas e estamos muito agradecidos por isso.

Nós aparecemos para o grande público em Abril de 2009, somos uma banda jovem, mas vemos que já nestes concertos temos muito público a cantar os temas do princípio ao fim, é muito bom. Geralmente as bandas conquistam o público com um tema, no segundo álbum conquistam com outro. Nós já temos quatro ou cinco temas que vão passando, e que as pessoas vão conhecendo. Além dos temas das telenovelas, também temos um dueto com o Sérgio Rosado, dos Anjos, que é um grande amigo, e foi convidado para participar neste álbum. Veio embelezar este nosso trabalho e enriquece-lo bastante. É um dos temas que tem tido bastante aceitação, o tema E tudo mudou.

Um dos temas fortes deste trabalho de estreia é também o segundo single, Sempre que o Amor me Quiser, um tema da década de oitenta. Este tema tem a letra de Jorge Palma, e na altura teve muito sucesso com uma voz feminina bem credenciada do nosso panorama nacional. Vocês reciclaram este tema e também com muito sucesso...

Foi uma grande surpresa. A nossa editora e o nosso director artístico tinham-nos sugerido que fizéssemos um cover de um tema dos anos oitenta, onde também muitas bandas vão buscar influências. Nos anos oitenta surgiram muitas músicas com melodias fortes e intemporais. Foi difícil

escolher um tema, vimos vários, e temas marcantes, mas queríamos adaptar um tema que não tivesse haver com o nosso estilo, mas que o transformássemos e o reciclássemos para o estilo dos Sinal. Era para acompanhar a tournée, nem era para ser gravado, e decidimos Sempre que o Amor me Quiser, também porque tinha lá a palavra sinal, «Basta fazer-me um sinal», e tudo fazia sentido. E claro sempre apreciamos muito a Lena de Água, é uma senhora que marcou a música portuguesa para sempre, e ainda continua aí. Depois as coisas foram-se desenvolvendo, as pessoas reagiam muito bem nos espectáculos, até que surgiu a hipótese de gravar a banda sonora de uma telenovela. Gravamos o tema, que foi para a telenovela Sentimentos, e quando o Pedro Fonseca e o Jorge Palma ouviram o tema, adoraram, deram autorização, e elogiaram muito o nosso trabalho, e nós ficamos super contentes, como é óbvio. Até que surgiu a ideia de fazer um dueto com a própria Lena de Água, que ainda veio embelezar mais o trabalho. Fomos buscar a voz original para cantar connosco e ficou uma versão muito engraçada, e com muita aceitação um pouco por todas as rádios do país.

Proponho uma pequena brincadeira. Espero que complete a seguinte frase: em 2010 era bom sinal que...

... houvesse paz no mundo e o

amor imperasse de uma vez por todas. Que as pessoas ligassem mais às relações humanas que é o que nos faz mover.

Em relação ao vosso quarteto, vocês são quatro elementos, para os próximos tempos na música, era bom sinal que...

... que continuássemos a conquistar espaço, e a subir, para não desiludir o público que tem acreditado em nós desde o início. Queremos mostrar trabalho, temos muita vontade de trabalhar. Era bom sinal que chegássemos ao disco de ouro, isso era fantástico, e por aí fora, quem sabe... Infelizmente os downloads ilegais são uma realidade que afectam todas as bandas, mas era bom que as pessoas comprassem e quisessem ouvir os cds. Os cds nem são assim tão caros, acabam por ter um preço aceitável; que o nosso disco seja cada vez mais ouvido, está ali muito trabalho e muita paixão depositada, que quer ser mostrada a todo o país; que as pessoas oiçam a nossa música com a mesma paixão com que nós a fazemos.

Ainda não disse o nome dos outros meus companheiros, que não estão aqui comigo, que é o Ricardo Rocha, o guitarrista, o Miguel Fernandes, o baterista, e o Rui Dantas o baixista. E eu sou o Miguel Oliveira. Somos os quatro, os elementos integrantes dos Sinal. @

Entrevista: Hugo Rafael
Eugénia Sousa



Imagem: IPCB

Ensino Superior em Idanha-a-Nova

Gestão Solicitadora

Inovação

Empreendedorismo

Incubadora de Empresas

Turismo

Marketing

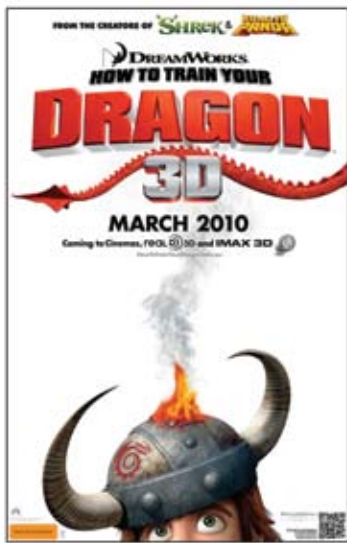


Felicita o Ensino Magazine por mais um Aniversário
Uma Autarquia em Sintonia com o Ensino Superior



Como treinares o teu dragão 3D

"How To Train Your Dragon" passa-se num mundo cheio de Vikings musculados e dragões selvagens. Um adolescente esquelético e desajeitado, filho de Viking, decide matar um dragão para se tornar um herói, provando o seu valor à tribo e ao pai. Mas quando ele se torna amigo do dragão o seu mundo vira-se de cabeça para baixo. ☺



Título original: How to Train Your Dragon Realizador: Dean DeBlois, Chris Sanders Com: Vozes de: Jay Baruchel, Gerard Butler, America Ferrera, Craig Ferguson Género: Animação Classificação: NA Origem: EUA Duração: 120 min. Estreia: 26 Março



Confronto de titãs 3D

A trama segue Perseus (Sam Worthington), um deus criado como homem e que precisa de proteger a sua família de Hades (Ralph Fiennes), um perigoso vilão do submundo. ☺

Título original: Clash of the Titans Realizador: Louis Leterrier Com: Sam Worthington, Liam Neeson, Gemma Arterton, Ralph Fiennes, Alexa Davalos Género: Acção/Drama Classificação: NA Duração: 120 min.



Everybody's Fine

"Everybody's Fine" fala-nos de um viúvo (Robert De Niro), que ao se aperceber que a única ligação que tinha com a família era através da sua mulher, parte numa road trip para se reunir com cada um dos seus filhos já crescidos. ☺

Título original: Everybody's Fine Realizador: Kirk Jones Com: Kate Beckinsale, Robert De Niro, Drew Barrymore, Sam Rockwell, Katherine Moennig, James Frain Género: Aventura/Comédia Classificação: NA Duração: 120 min. Estreia: 18 Março



FINAL FANTASY XIII

Final Fantasy XIII encontra-se em desenvolvimento há mais de cinco anos e, graças ao tempo e esforço da casa de programação, é certo que continuará a ser um dos mais deslumbrantes jogos a agraciar a PlayStation 3 em 2010 e no futuro. Para os fãs da série clássica de RPG, jogar Final Fantasy é como controlar um cenário de filme interativo no fabuloso mundo de monstros robóticos e personagens avassaladoras da Square Enix. Com uma história mágica, gráficos fantásticos, uma banda sonora encantadora e uma grande variedade de personagens para controlares, Final Fantasy XIII é uma experiência que não vais querer perder. A viagem para salvares o teu mundo começa aqui. A data de lançamento está prevista para dia 9 de Março 2010. ☺



Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo

A conceituada Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo, fundada em 1999, sob a Direcção Artística de Vasco Wellenkamp e Graça Barroso, levou ao palco do Olga Cadaval, em Sintra, no passado mês de Janeiro, o espectáculo composto por 3 peças Fragmented Bodies..., Amor aos Retalhos (foto) e Chérché, Trouvé, Perdu. Desde a sua fundação a CPBC já apresentou coreografias como A Lua Vai Pelo Céu Com Um Rapaz Pela Mão (de Vasco Wellenkamp), Veneno (de Rui Lopes Graça), High Octane (de David Fielding) e Azul (de Rita Judas). ☺



Sexta, Meia-Noite e uma guitarra

Iniciou-se no dia 5 de Fevereiro no Cinema S. Jorge, em Lisboa, o ciclo "Sexta, Meia-Noite e uma Guitarra", composto por um conjunto de 5 concertos, todas as sextas feiras, à meia-noite. A abrir esteve José Manuel Neto (na foto), com "Tons do Fado" que convidou para o acompanhar Carlos Manuel Proença na viola, e Camané na voz. Ainda vamos a tempo de assistir a "Mourarias" com Pedro Jóia + Ricardo Ribeiro (26 de Fevereiro) e, finalmente, a "Lisboa Crónica Anedótica" com Flak + filme de Leitão de Barros (5 de Março). ☺

texto e Foto: João Vasco



TOM TOM com a voz de Homer Simpson

A TOM TOM torna possível o desejo dos fãs da série norte-americana, The Simpsons, ao disponibilizar a voz inconfundível de Homer Simpson para GPS. Disponível em inglês, a famosa personagem criada por Matt Groening poderá dar voz ao seu GPS. Ao seguir as instruções de Homer, irá concerteza encontrar um lugar onde exista comida.

Preço aproximado: 9,95 Euros. ☺



Sony MP4 Walkman A845

Para que a música possa acompanhar o ritmo de cada dia, a Sony reinventa o conceito de Walkman. O MP4 A845 é o mais fino walkman do mercado, com 7,2 mm e 62 g de peso. Tem ecrã OLED com 2,8", e 16 GB de memória interna. De resposta rápida, efectua com eficiência downloads de filmes online e visualização de videoclips e fotografias. A tecnologia S. Master Digital Amplifier garante a qualidade de som. Preço aproximado: 199 Euros. ☺



As mais da discoteca

- 1 Edward Maya feat. Alicia Stereo love
- 2 Moony I don't know why
- 3 Eduard Maya This is my life
- 4 David Guetta ft. Estele One love
- 5 Diego Miranda Ibiza for dreams
- 6 Supafly Inc. I Believe
- 7 Pedro Cazanova My first love
- 8 Bob Sinclar ft. Sevie Edwards - Peace song
- 9 Michel Cleis La mezcla
- 10 B.B.E. - 7 days and one week (2009)



- 1 Black Eyed Peas The E.N.D



- 2 Rihanna Rated R
- 3 Muse The resistance
- 4 Chris Brown Grafitti
- 5 Snow Patrol Up to now
- 6 30 Seconds to war This is war
- 7 Mika The boy who knew much
- 8 Shakira She wolf
- 9 Kesha Animal
- 10 Leona Lewis Echo





Inscrições abertas para Expositores
Última oportunidade.
<http://www.futuralia.fil.pt>

A VIDA É TUA!

YOUR WAY

Descobre o teu caminho.

futuralia

Salão de Oferta Educativa, Formação e Emprego

10 a 13 Março 2010

FIL / Parque das Nações

VILA DAS PROFISSÕES



ESCOLHAS COM FUTURO

ORGANIZAÇÃO



TRANSPORTADOR OFICIAL / PATROCINADOR



PATROCINADOR



www.vidaetua.futuralia.com

e também em e

PARCERIAS INSTITUCIONAIS





Instituto Politécnico
de Castelo Branco

AO SERVIÇO DO CONHECIMENTO E DAS PESSOAS

CURSOS DE LICENCIATURA, MESTRADO E ESPECIALIZAÇÃO TECNOLÓGICA NAS ÁREAS DA:

Educação e Formação de Professores
Artes, Comunicação e Multimédia
Ciências Empresariais e Direito
Engenharias e Informática
Ciências Biológicas e Alimentares
Saúde e Protecção Social
Turismo, Desporto e Serviços

INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EXPERIMENTAL

Projectos nacionais e internacionais

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE

Consultadoria e Realização de Estudos
Serviços Laboratoriais nas áreas Biológicas e Tecnológicas
Viveiro Florestal
Desenvolvimento de Projectos e Ideias de Negócio
Cursos de Línguas e Traduções
Concepção e Desenvolvimento de Aplicações Informáticas
Concepção e Produção de Audiovisual



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
Agrária



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Saúde
Dr. Lopes Dias



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Artes Aplicadas



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Gestão



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Tecnologia

www.ipcb.pt

Av. Pedro Álvares Cabral N.º 12 - Castelo Branco, 6000-084